

A HISTÓRIA REAL DE UMA MENINA MULHER

A Real Story Of A Young Woman

Daiane Genro Ribeiro¹

Narrativa encaminhada: 11/06/2021

Narrativa aceita para publicação: 28/11/2021

Oi, eu me chamo Daiane Genro Ribeiro. Nasci em Porto Alegre - Rio Grande do Sul (RS), no dia 28 de abril de 1975. Minha história começa com meu nascimento. Nasci de parto normal com 1.200kg. Custei a chorar porque engoli um pouco de líquido no parto.

Morei os primeiros anos da minha vida em Tupanciretã - RS, com meu pai e minha mãe. Quando tinha seis para sete anos, comecei a ter tremedeiras e tonturas. Minha mãe me levou no médico, mas ele disse que não era nada, coisa de criança apenas. E ela se tranquilizou, achou que o médico estava certo.

Com sete anos, nos mudamos para Júlio de Castilhos - RS, e passei a estudar na Escola Theodoro Ribas Salles. Quando eu tinha dez anos e meio, desmaiei na escola. Chamaram meus pais e correram comigo para o Hospital Bernardina Salles de Barros, na cidade. Lá fui atendida pelo Dr. Edgar, que é pediatra e trabalha até hoje. Eles não sabiam direito o que eu tinha. Me davam remédios muito fortes para dor de cabeça, eu desmaiava e tinha convulsões. O Dr. me deu calmante e me encaminhou para um neurologista em Santa Maria - RS.

Eu não gostei muito da cara desse Dr. neurologista. Ele disse que era pouca coisa o que eu tinha, me receitou depakene, gardenal e fluoxetina, e disse para minha mãe que era para ela procurar um tratamento com psicólogo para mim. Assim comecei a frequentar o CAPS de Júlio de Castilhos, com menos de 11 anos. Eu fazia terapia com uma psicóloga no horário marcado, mas continuava tendo crises. Contava algumas coisas para ela e outras ficava para mim, achava que não podia me abrir com ela.

¹ Queria citar uma colega usuária do CAPS Prado Veppo, Rejane Pedroso. Convivemos nos CAPS e nos tornamos amigas, irmãs de coração. Ela é uma pessoa maravilhosa, e me apoiou bastante nesse momento da escrita. Dedico esse texto à minha amiga Rejane, a minha amiga Andreia Ravello, aos meus pais, meu filho, e ao meu marido Paulo Roberto Arruda Pacheco, um companheiro maravilhoso. Muito obrigada pela oportunidade que vocês estão me dando, de contar minha história por meio da Revista. Agradeço a todos vocês! Email: daraleidemer98@gmail.com

Em um final de semana, tive uma crise muito forte. Me levaram para o hospital, e a médica de plantão mandou dar uma injeção “nessa louca ali”. Eu já conhecia o efeito da injeção de calmante, elas ardem, mas essa não ardeu nada. No domingo quando levantei, estava me sentindo com a cabeça pesada, estranha. Comecei a falar e minha língua enrolou, até que minha mandíbula desencaixou. Meus pais e minha avó enrolaram uma toalha na minha cabeça e me levaram para o hospital. Lá o Dr. Edgar me atendeu, apavorado, e descobriu que recebi uma medicação errada. Ele me encaminhou para Porto Alegre no hospital São Lucas da PUC (Pontifícia Universidade Católica), onde fiquei três meses internada. Demorou quase um mês para eu voltar ao normal.

Tinha muitas convulsões. Fizeram tomografia computadorizada, mas não descobriram nada. Então meu pai vendeu as férias dele para pagar metade do valor de uma ressonância magnética, e a outra parte tivemos ajuda de familiares e um político. Quando chegou o resultado, o Dr. conversou com minha mãe na minha frente. Ele explicou que tinha aparecido um cisto, que minhas veias estavam deformadas e perguntou se aconteceu algo no meu parto. Ele também disse que a cirurgia era arriscada, que eu poderia morrer ou ficar em estado vegetativo, e então meus pais decidiram não fazer a cirurgia. O médico disse que eu seguiria tendo convulsões, tremores e dores de cabeça muito fortes... E foi o que aconteceu.

Eu passava muito tempo no hospital, e quando estava em casa, ia para a escola. Eu ia com dois primos (Didi e João) e um amigo (Duda), caminhávamos juntos. No colégio eu era violentada por um trabalhador, e não contei para ninguém. Na época, eu morava numa casa de esquina, e tinha uma vizinha, a Dona Alice. Quando ela se separou, eu passei a ir dormir na casa dela. Um dia acordei toda dolorida na parte inferior do corpo, com o lençol cheio de sangue e o pescoço roxo. Eu não sabia o que tinha acontecido, quase só dormi por três dias. Depois descobri que a Dona Alice fez uma aposta com dois funcionários, de qual deles tiraria a minha virgindade. Eu já tomava os remédios que me faziam dormir, mas ela colocou algo no meu chá e me dopou naquela noite, por isso eu não sabia o que tinha acontecido no dia seguinte.

Eu tinha 11 anos e pouco. Minha tia nunca gostou de mim e da minha mãe. Ela ajudou a Dona Alice na aposta, e depois ficou me perguntando se eu sabia de algum segredo da nossa família. Eu respondia que não sabia de nada. Até

que um dia ela contou tudo para o meu pai. Quando eu descobri o que realmente tinha acontecido comigo naquela noite, eu chorei muito. Tive que ir para o hospital e fazer exames. A enfermeira disse que eu estava machucada e que não era mais virgem. Eu já era mocinha, entendia o que significava. Por isso me desesperei, quebrei as coisas, eu sabia que não tinha deitado com nenhum homem.

Depois disso eu parei de ir pra escola, e um tempo depois nos mudamos para Santa Maria. Demorei um ano para começar a ir ao CAPS Prado Veppo. As pessoas lá me olhavam, não me conheciam. Ficavam perguntando “quem é ela?”, “o que ela tem?”. Quando eu desmaiava no CAPS, não deixava ninguém chegar perto.

Lá eu conheci um colega, que também era usuário do CAPS. Nós namoramos, nos casamos e alugamos uma casa. O primeiro ano foi maravilhoso, mas depois as coisas mudaram. Eu comecei a sofrer violência doméstica. Ele não era paciente grave, sabia o que fazia, mas se envolveu com drogas e bebida. Ele vendia até a comida que eu comprava, minhas roupas. Minhas vizinhas (Rose, Franciele, Tetê e o namorado que era militar) me ajudavam, me davam comida e diziam para eu contar tudo para os meus pais, mas eu tinha muita vergonha de falar sobre isso com minha mãe. Ele me batia, me dava socos, coices e dormia com uma faca embaixo do travesseiro. Dizia que eu ia para o CAPS para dormir com meus colegas, e por isso parei de ir por um tempo.

Um dia ele chegou muito bêbado, começou a me bater e tentou me atacar com um espeto. Os vizinhos ouviram e correram para me ajudar. Eles chamaram a polícia e eu fui levada para a Delegacia da Mulher. Lá chamaram meus pais, que ficaram apavorados quando me viram toda machucada. Depois disso eu me separei, e tenho medida protetiva contra ele. No início ele me perseguia, ia até a frente do CAPS brigar, me xingar. Faz cinco anos que me separei, mas não desejo isso pra ninguém. Uma coisa eu deixo para todas as mulheres que sofrem violência do parceiro, namorado, marido: não fiquem com vergonha, não façam o que eu fiz.

Por um tempo eu me sentia excluída no CAPS, mas participava de alguns grupos, como o da rádio e de dança. As pessoas diziam que eu desmaiava para ser carregada no colo pelos homens, e eu ficava pra baixo de ouvir isso, bem

desmotivada. Eles faziam viagens, passeios, e eu ficava de fora. Pediam minha identidade, eu dava o número, mas dois ou três dias antes do passeio, me diziam que não tinha mais lugar ou que a viagem não ia mais acontecer. Depois quando eu chegava no CAPS e perguntava do pessoal, descobria que tinham saído. Por que não queriam me levar? Era vergonha da colega que desmaiava, que caía, que tirava a atenção dos profissionais. E se eu passasse mal, teriam que parar pra cuidar de mim. Eu era muito brava, reclamava, chorava, atirava as coisas no chão.

No CAPS eu conheci a estratégia GAM (Gestão Autônoma da Medicação). Na primeira vez que participei do grupo, conheci minha amiga Rejane Pedroso. Eu, ela, o Ronaldo e outro colega fizemos o grupo, mas não entendemos nada da GAM. Os profissionais não sabiam direito como nos explicar, não lemos o guia como é a proposta. No ano seguinte, teve o grupo da GAM novamente, mas com outras pessoas. O Thales, Gilnei e Fernandinha eram os moderadores. Minha amiga Rejane me chamou, primeiro não quis participar, falei que não tinha entendido nada no ano anterior. Mas acabei indo... e depois eu amei!

Comecei a escrever poesias e aprendi a fazer teatro com eles, que eu nunca imaginei que poderia fazer! Nossa primeira peça apresentamos no hotel ao lado da prefeitura em Santa Maria. Contava a história de um anjo e um diabo que ficavam falando coisas para a personagem (Rejane), fazer e falar, até que chega o Gilnei para fazer uma injeção nela. Ele fica assustado, pasmo, cheio de gente dançando em volta dele com lenços bonitos, coloridos. Nossa segunda peça, apresentamos na Universidade, na tese da Fernandinha. Era apenas a Rejane e eu, como mãe e filha. Eu voltava para casa chateada porque meu namorado me trocou pela minha melhor amiga, que não tinha problemas, ataques, não tinha depressão, e a Rejane me aconselhava sobre a forma que estava me sentindo.

Tenho ataques epiléticos até hoje, dores fortes de cabeça, desmaio de vez em quando. Não tem como prevenir. Por causa de toda a violência que sofri, eu tentei me suicidar três vezes (duas vezes em casa e uma no CAPS ainda em Júlio de Castilhos), mas graças a Deus sempre me encontraram. Eu fazia o grupo da rádio, grupo de dança, de alongamento, de medicação. Mas depois que fui pro teatro, eu comecei a me desenvolver.

Hoje eu sou o que sou graças a minha força de vontade e ao apoio dos meu pais, Samir Marques Ribeiro e Luiza Varnes Genro Ribeiro. Meu pai me ensinou a dançar música gaúcha em cima dos pés dele quando eu tinha uns cinco anos, e lembro com carinho disso até hoje. Eu aprendi a dançar maravilhosamente bem, até debutei no CTG (Centro de Tradições Gaúchas) com 15 anos.

A Rejane Pedroso também me ajudou muito. Antes da pandemia, fazíamos vários grupos juntas, tomávamos chimarrão juntas na casa dela, eu passava dias lá... Ela é minha colega e amiga do coração.

O Léo e o Alex, que trabalham no CAPS Prado Veppo também me ajudaram, principalmente nas crises que eu não deixava ninguém chegar perto. Demorou muito até eu conseguir contar todas as violências que sofri. Eu dizia para eles que nunca ia ser feliz por causa disso, da minha infância, de tudo que passei. Eu achava que ninguém ia gostar de mim pelo meu passado. Meu sonho sempre foi casar de vestido branco, desde criança. Talvez quando você ler vai pensar que estou exagerando... mas sempre tive esse sonho. E agora eu tenho um companheiro há dois anos. O nome dele é Paulo Roberto Arruda Pacheco, ele tem 50 anos e é trabalhador, faz de tudo um pouco. Ele é um companheiro maravilhoso.

Esquecer tudo o que passei não esqueci, virou uma ferida, que hoje está cicatrizada. De vez em quando, ela abre de novo, mas não podemos nos deixar levar pela dor. Não me alegro em dizer que tentei suicídio três vezes, mas eu fiz. Minha depressão é suicida e preciso de remédio. Mas graças aos profissionais e a Rejane, eu consegui melhorar.

Nessa minha vida, já tive perdas. Minha avó e meu amigo Cléber Medeiros. Ele era como um irmão pra mim, trabalhava fora e também tinha ataques epiléticos. Eu fico triste comigo porque na minha depressão, não vi a dele, os pais dele não viram... Ele sempre parecia alegre, feliz, chegava buzinando. Eu pegava os nossos remédios, o meu e o dele. Eu estava tomando chimarrão com os pais dele quando o telefone tocou e veio a notícia. O gado estourou, e ele foi atrás. Quando ele não voltou, os colegas foram procurar e encontraram ele. Ele teve um ataque epilético e estava sozinho. Foi muito triste, mas lembro sempre dos momentos alegres com meu amigo do coração e da família dele, que amo e devo muito.

Outra perda foi de um menininho, filho da minha segunda mãe, a Inês. Ela teve vários abortos até conseguir levar a gravidez. Mas com 6 anos ele teve leucemia das bravas. Com as quimioterapias parecia que ele ficava elétrico, ficava o tempo todo atrás de mim dizendo “tia, vamos brincar”. Quando fui me despedir dele, ele contou que seu sonho era o pai e mãe estarem casados quando voltasse a vida, porque eles eram da religião testemunhas de Geová. Nós realizamos o sonho dele, eles estão bem casados até hoje.

Só citei esses exemplos, mas o que quero dizer é que pessoas que vão no CAPS, mesmo tendo problemas, podem fazer o que quiserem. Essa história mostra isso. Até quem está numa cadeira de rodas pode dançar, por que não? Eu fiz teatro!

Quando a pandemia acabar eu vou voltar. Nós vamos voltar pro teatro, voltar a dançar. Quando eu estou muito triste, choro bastante. Mas depois eu digo “o que estou fazendo comigo mesma?”. E então eu danço, eu canto, e ainda canto alto.

Contei a minha história, tudo o que aconteceu comigo, principalmente para as mulheres que estão passando pelo que eu passei. Não se deixem levar pela vergonha, façam disso uma força para ajudar outras mulheres, outras adolescentes. Precisamos dar apoio. Que a gente seja a mão forte que puxa a outra pra cima.

Apesar da depressão, da mágoa, a vida é muito bela, e eu descobri isso. Nunca deixe de sonhar! A gente hoje sofre e ri. Nos magoam, e a gente magoa os outros sem querer. A vida é assim, vai e volta, mas nunca devemos deixar de viver... Apesar de tudo, eu hoje sou muito feliz, e desejo que todos sejam felizes também!

Para terminar, tenho uma poesia que escrevi, falando sobre a vida, sobre o que passou e o momento que estamos vivendo. A poesia fala que não podemos nos deixar de lado, deixar a angústia tomar conta da gente. Sejam donos da sua história!

VIDA

*Posso ter defeitos, viver ansiosa ou ficar irritada algumas vezes,
mas não esqueço de que minha vida é a maior empresa do mundo todo,
e que posso evitar que ela vá à falência.*

*Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver apesar dos certos e errados,
apesar dos desafios que a vida nos traz,
sendo esses períodos de crise como o que estamos vivendo hoje
viver é deixar de ser vítima dos problemas,
sendo você mesmo o autor da sua própria história.
Atravessando desertos, fora de si mesmo,
mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito de sua alma
agradecer a deus por cada manhã, pelo simples fato de estar vivo,
não tendo medo dos próprios pensamentos e sentimentos,
falar de si mesmo é ter coragem para ouvir talvez um “não”
tendo segurança para receber uma crítica, seja ela justa ou injusta.
A vida é complicada.
Na verdade, viver não é uma tarefa fácil,
mas independente de tudo, estar vivo, respirar, seguir os sonhos é algo que
deve ser celebrado.
Celebrar a vida.
Dançando, se não for por meio de poesias ou por meio de músicas,
seja ela por músicas, livros, poesia ou dança
seja você mesmo o autor da sua história
fazendo sua vida ser boa nos momentos ruins,
como este que estamos passando.
Viva a sua vida.*

Muito obrigada pela atenção.
Daiane Genro Ribeiro

